

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**

**GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação**

**A GESTÃO DA INFORMAÇÃO NA DEFESA DE DIREITOS HUMANOS: MUSEUS TEMÁTICOS  
SOBRE O HOLOCAUSTO**

**Clausi Maria do Porto Gomes (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)**

**Cátia Rodrigues Barbosa (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)**

***THE MANAGEMENT OF INFORMATION IN THE DEFENSE OF HUMAN RIGHTS: THEMATIC  
MUSEUMS ON THE HOLOCAUST***

**Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral**

**Resumo:** O artigo é fruto de pesquisa exploratória e documental sobre a gestão da informação e as tecnologias da informação na produção do conhecimento, especificamente o que caracteriza a importância social e cultural na defesa dos direitos humanos por meio dos museus temáticos do Holocausto. Trata-se da primeira fase da pesquisa. Nesse contexto, foi importante conhecer a instituição museológica cujo eixo central é a defesa e reivindicação dos direitos das pessoas ou grupos, por meio da apropriação dos discursos sobre direitos humanos e do uso de técnicas de mobilização e sensibilização aos abusos de poder. Neste processo de interpretação crítica do passado, ressaltamos a importância da informação no mundo atual e como esses espaços museais de direito podem aliar-se à gestão da informação como ferramenta em defesa dos direitos das pessoas.

**Palavras-chave:** Museu; Museu Temático; Informação; Gestão da Informação.

**Abstract:** The article is the result of exploratory and documentary research on information management and information technologies in the production of knowledge, which characterizes the social and cultural importance of human rights defense through the thematic museums of the Holocaust. This is the first phase of the research. In this context, it was important to know the museum institution and especially this new museum phenomenon whose central axis is the defense and claim of the rights of individuals or groups, through appropriating human rights discourses and using techniques of mobilization and sensitization to abuses of power. In this process of critical interpretation of the past, we emphasize the importance of information in today's world and how these legal spaces can ally themselves with information management as a tool to defend people's rights.

**Keywords:** Thematic Museum; Information; Information Management.

## 1 INTRODUÇÃO

A partir da Segunda Grande Guerra desenvolve-se uma série de tendências sobre os museus que influenciam os seus aspectos teórico-conceituais e pragmáticos. Na década de 1980, cresce o número de instituições culturais que abordam tematicamente eventos históricos violentos e traumatizantes do século XX e XI. São instituições museais que utilizam de diferentes discursos, expografias e reflexividade.

Esses museus, inicialmente considerados museu-memória, transformaram-se em espaços de reflexão e ação diante das violações dos direitos humanos e, em decorrência dessa nova perspectiva de atuação, tais museus passaram a integrar um discurso que foi além dos museus-memória – tornaram-se museus agregadores de um discurso com perspectiva de justiça social (COELHO, 2015; CARTER, 2015).

Pesquisa realizada no ano de 2015 para dissertação de mestrado sobre a gestão da informação nos Centros de Memória da UFMG e visita a um museu temático *Holocaust Museum*<sup>1</sup>, nos EUA, foi o mote para o amadurecimento de algumas perguntas de pesquisa que são o objeto desta proposta.

Algumas questões começaram a reverberar, levando a uma investigação científica mais aprofundada no âmbito da gestão da informação em museus, em especial nesses espaços temáticos do Holocausto e a inserção das tecnologias da informação e comunicação - TIC como ferramentas estratégicas em defesa dos direitos humanos.

Este artigo é, em consequência, fruto de pesquisa exploratória e documental do doutorado em andamento, intitulada “Museus Temáticos sobre o Holocausto: a Gestão da Informação e as Tecnologias da Informação em defesa dos direitos humanos”, e tem como objetivo apresentar a primeira fase da pesquisa, que trata de um levantamento preliminar dos museus temáticos do Holocausto no mundo e dos museus sobre essa temática no Brasil. Foi realizada uma pesquisa na internet, utilizando o *Google* como mecanismo de busca desses museus temáticos, visando à identificação dos *websites* dos museus do Holocausto.

A *World Wide Web* ou, como é mais conhecida, a *Web*, é um caminho de acesso à informação na Internet, sendo considerado um modelo de domínio público que permite a busca de conteúdos por meio de diretórios, mecanismos de busca e metabuscadores (MIRANDA, 2005). A WWW, com seus links hipertexto, fáceis de usar, popularizou a Internet

---

<sup>1</sup> *Holocaust Museum* é um museu no norte do estado da Carolina do Norte/EUA. Site: <<http://theholocaustmuseum.br>>.

e, por conseguinte, considerando a *Web* como uma das principais ferramentas tecnológicas da atualidade, é importante conhecer como esses museus temáticos do Holocausto utilizam essa ferramenta na gestão da informação, no sentido de fortalecer o papel do museu enquanto instituição cultural e em defesa dos direitos das pessoas, mediante mobilização e sensibilização aos abusos de poder.

## **2 MUSEU DE DIREITOS**

O Museu, a partir da década de 1980, passa a privilegiar o caráter fenomênico do Museu e os novos paradigmas sociais, tornando-se um dos principais responsáveis pelo movimento da Nova Museologia (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013). Neste novo paradigma social, Gregorová (1980) define o museu como uma instituição onde a relação homem e sociedade acontece e, portanto, a museologia é uma nova disciplina científica que estuda relações específicas do homem com a realidade e, conseqüentemente, baseia-se nas coleções que documentam o desenvolvimento da sociedade.

Os museus estão intrinsecamente relacionados às sociedades que os geram e, logo, abrangem dimensões sociais, culturais, patrimoniais entre outras. Ao retratá-los é necessário levar em conta os contextos nos quais são criados, mantidos, dinamizados, ressignificados, reformulados ou até mesmo fechados (ABREU, 2012).

Com as influências das Tecnologias da Informação e Comunicação -TIC - na atualidade, Casimiro (2014) analisa, em artigo intitulado “Transgressões no contexto digital: reconfiguração das estruturas museais através da Realidade Aumentada”<sup>2</sup>, as dinâmicas institucionais, expositivas e educacionais de museus ao redor do mundo e ressalta que essa influência ocorre também nos museus:

os museus e instituições começam a transformar sua dinâmica através da utilização de uma tecnologia muito comum no campo publicitário: a Realidade Aumentada (RA). Uma tecnologia que permite permear o mundo real e virtual, unindo elementos de ambos em um instante particular. A sua utilização nas dinâmicas institucionais tem aumentado progressivamente (CASSIMIRO, 2014, p.173).

---

<sup>2</sup> O termo “realidade virtual” foi criado em 1989 por Jaron Lanier, e se popularizou nos anos 90, diante do avanço tecnológico. A Realidade Aumentada (RA) combina os objetos virtuais e reais no espaço físico em tempo real, porém eles só podem ser visualizados juntos através da interface interativa. Representa uma técnica que trabalha na linha divisória entre o material e o imaterial, o real e o virtual (CASIMIRO, 2014, p.173).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

O panorama museal global a partir da década de 1980 levou a pesquisadora Carter (2015) a constatar um número crescente de instituições culturais que musealiza os eventos históricos violentos e traumatizantes a partir do século XX; destarte, escravidão e genocídio, entre outros eventos, aparecem no discurso e na expografia museal.

Inicialmente este tipo de museu foi impulsionado pelos movimentos intelectuais e pelas pesquisas sobre a memória e a memorialização, com uma concepção orientada pelas atrocidades entre seres humanos. Para Carter (2015), alguns museus contemporâneos apropriam-se dos discursos de direitos.

O dispositivo de tais museus posiciona os visitantes enquanto cidadãos engajados, como o fazem o *Holocaust Memorial Museum* em Washington, DC, nas galerias *From Memory to Action*, e o *Internacional Slavery Museum* em Liverpool, Reino Unido, com o recurso às petições na sala chamada *Campaign Zone*. É importante salientar aqui a integração, um tempo depois das inaugurações respectivas em 1993 e 2006, das galerias representando as sequelas contemporâneas da temática em questão, dando assim uma abordagem comparativa à historiografia, assim como desenvolvendo estratégias de engajamento político (CARTER, 2015, p. 30).

O conceito de museu de direito é muito recente, como aponta Carter (2015). Esses museus foram se implantando em vários países em contextos geopolíticos extremamente diversificados e com fins políticos e sociais diferentes. O eixo central desses museus de direitos está na missão em defesa e reivindicação dos direitos das pessoas ou grupos, mediante a apropriação dos discursos sobre direitos humanos e da utilização de técnicas de mobilização e sensibilização aos abusos de poder (CARTER, 2015).

Uma das principais propostas desse tipo museal é de dignificar os mortos e dar uma perspectiva do passado, por meio de musealizar os eventos históricos violentos e traumatizantes do século XX e século XXI. Portanto, temas como escravidão, genocídio e regimes totalitários são atualmente assuntos abordados por esses museus em vários países do mundo. Conforme Coelho (2015, p. 56),

Ao abraçar sua vocação social e política, o museu se transforma numa ferramenta importante de promoção dos direitos humanos, do exercício da cidadania e da dignidade humana ao promover o reconhecimento e valorização de identidades culturais e memórias de comunidades locais, aproximando o homem de seu patrimônio; ao permitir ao homem se expressar criativamente; ao proporcionar um espaço para reflexões e debates sobre temas relacionados a diferenças, justiça e igualdade; ao promover a inclusão de públicos esquecidos (pessoas com deficiência, em situação vulnerável, etc.), buscando reduzir as desigualdades de participação social; ao promover a emancipação a partir da democratização

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

de acesso ao conhecimento e formação de sujeitos críticos; ao celebrar a diversidade, procurando contribuir para a coesão social de comunidades; etc.

Moses (2012) ressalta que, no Canadá, as instituições de memória utilizam os conceitos igualitários de genocídio ou crimes contra a humanidade para enfatizar o sofrimento de todos, e destaca que o Museu da Tolerância no Canadá indica um contexto de prevalência da ligação entre o Holocausto e os direitos humanos e a consciência do genocídio, embora trabalhem também para integrar outros genocídios à expografia.

Na América do Sul, o Museu da Memória e dos direitos humanos no Chile é destinado a dar visibilidade às violações dos direitos humanos ocorridas no país entre 1973 a 1990, mas também tem como objetivo evocar atenção dos visitantes para uma violência contra esses direitos no mundo, possibilitando uma reflexão e um debate sobre o respeito aos direitos das pessoas (BRODSKY, 2014).

Os museus de direito apostam nas novas técnicas da mobilização e da sensibilização aos abusos de poder, utilizando-se de novas estratégias no espaço expográfico que encorajem o compromisso ou um engajamento da parte dos visitantes e trabalhando a mesma pedagogia dos direitos humanos que é trabalhada pelas Nações Unidas. Para Carter (2015), os profissionais e pesquisadores das instituições museais cuja temática trata dos direitos humanos devem

refletir de forma profunda não somente sobre a exposição de objetos à caracteres sensíveis, que necessitam uma contextualização e uma posição ética em relação ao afeto que eles podem evocar, como pesar também na maneira de posicionar os públicos que vem testemunhar de histórias traumatizantes. É por aí que esses museus podem intervir de forma produtiva no domínio dos direitos, apresentando os desafios complexos ligados para os abusos e o alcance de direitos humanos, como sensibilizar os visitantes às modalidades de engajamento na defesa dos direitos (CARTER, 2015, p.40).

Conforme Coelho (2015, p. 57), nas duas últimas décadas, “observa-se uma multiplicação de museus e memoriais relacionados à história da II Guerra Mundial e, mais especificamente ao Holocausto”. A rememoração do Holocausto em diversos países do mundo vem sendo utilizado como exemplo de rememoração de eventos traumáticos, assumindo questões como a temática dos direitos humanos, genocídio, entre outras, que demandam uma reflexão que ultrapassa a esfera nacional e torna-se global.

A partir do Holocausto, a humanidade deve repensar as práticas, principalmente em relação aos direitos humanos (BEIERSDORF, 2014). Os museus de direito atuam em espaços

públicos diferentes, com conceitos museográficos sujeitos às políticas memoriais e discursivas diferentes, e são conseqüentemente influenciados pelas grandes transformações sociais, culturais e políticas da era contemporânea (MOSES, 2012).

Os resultados iniciais da pesquisa que está em andamento no projeto de doutorado demonstram o crescimento dos museus temáticos sobre o Holocausto nos últimos 20 anos. A maioria desses museus está localizada nos países europeus, que foi o palco das guerras mundiais e nos Estados Unidos. Conforme o *Global Directory of Holocaust Museums*<sup>3</sup> existem 63 museus do Holocausto no mundo. A seguir, apresenta-se o resultado quantitativo desses museus por continente.

**Quadro 1: Museus do Holocausto no Mundo**

Continentes	Quantitativo de Museus
AMERICANO	28
EUROPA	26
AFRICA	01
ASIA	07
OCEANIA	01
ANTÁRTIDA	00
TOTAL	63

Fonte: [science.co.il/Holocaust-Museums](http://science.co.il/Holocaust-Museums) – 2017.

No Brasil, os resultados da pesquisa apontam para uma instituição museal que aborda a temática do Holocausto, que é o Museu do Holocausto de Curitiba, instituição que abordaremos a seguir.

### **3 MUSEU DO HOLOCAUTO DE CURITIBA - MHC**

No território brasileiro, dos mais de três mil museus existentes, há poucos temáticos, sendo que, especificamente sobre o tema do Holocausto, que é o foco desta pesquisa, há somente um museu, localizado em Curitiba/PR – o Museu do Holocausto de Curitiba. Ele não está inserido na última edição do Guia Brasileiro dos Museus no Brasil do Instituto Brasileiro de Museus-IBRAM, isto porque o guia mais recente dos museus no Brasil foi publicado em maio de 2011 (IBRAM, 2017; GLOBAL DIRECTORY OF HOLOCAUST MUSEUMS, 2017).

O Museu do Holocausto de Curitiba no Brasil é um projeto pioneiro no Brasil, por ser o primeiro no País dedicado ao tema da perseguição aos judeus durante a II Guerra Mundial. (COELHO, 2015; BEIERSDORF, 2014). Conforme Beiersdorf (2014), esse museu temático é

---

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.science.co.il/Holocaust-Museums.asp>. Acesso em 10 mai. 2017.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

voltado à representação histórica dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial: o Shoah<sup>4</sup>, o qual, com suas exposições, traz à cena cultural e patrimonial a representação do Holocausto.

O museu foi idealizado pela Associação Casa de Cultura Beit Yaacov, e construído em um espaço de cerca de 400 m<sup>2</sup>, junto ao complexo arquitetônico dos edifícios do Centro Israelita do Paraná, da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann e da nova sinagoga Beit Yaacov.

O museu em questão constrói uma representação do Holocausto através de mecanismos audiovisuais, espaciais, musicais, textuais. A análise da narrativa museográfica aqui realizada levará também em conta o papel político e estético das imagens e das palavras (discurso expográfico). No museu, as imagens serviram como um aporte para a memória, tanto individual quanto coletiva (BEIERSDORF, 2014, p.1).

O Museu do Holocausto de Curitiba tem como objetivo de recordar o holocausto pela memória das vítimas e sobreviventes, além de utilizá-lo com exemplo na luta contra o ódio, a intolerância, o racismo e o preconceito, fortalecendo-se, portanto, como um museu de direito. De acordo com Huysen (2001), as imagens são uma forma de representação importante do passado, principalmente quando se trata de momentos considerados traumáticos na história da humanidade, como foi o Holocausto. Para Coelho (2015) ao abordar os crimes contra a humanidade na II Guerra Mundial, o Museu do Holocausto de Curitiba,

pode se transformar em importante plataforma para engajar o público em debates acerca das violações sistemáticas e massivas de direitos humanos ocorridas nesse período, além de abordar temas relacionados, como intolerância a diferenças, justiça, igualdade (COELHO, 2015, p.57).

O Projeto de idealização do Museu do Holocausto de Curitiba contou com apoio de várias instituições nacionais e internacionais ligadas à memória, educação e pesquisa do holocausto. Dentre as instituições que contribuíram com material audiovisual estão: Museu *Yad Vashen*, o Museu do Holocausto de Washington, a *Shoah Foundation*, o Museu de *Auschwitz*, o Museu de *Majdanek*, o Memorial da *Shoah* em Paris, o Instituto Cultural *Soto Delatorre*, dentre outros (SITE MHC, 2016).

Entre as atividades do Museu do Holocausto de Curitiba estão às atividades educativas e pedagógicas, que são promovidas pelas visitas com guias para grupos escolares, com rotas

---

<sup>4</sup> Shoah – Conforme Danzinger (2007) o termo significa devastação ou catástrofe em hebraico e começou a ser utilizado ainda na Palestina, nos anos de guerra, quando surgiram os primeiros relatos dos massacres perpetrados na Europa. Estes já surgiram acompanhados pela consciência da estarrecedora singularidade deste acontecimento histórico.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

definidas. Essas atividades contam também com o uso de recursos tecnológicos e interativos que ajudam os visitantes a entenderem as histórias das vítimas da perseguição nazista, principalmente os judeus. O Museu conta em seu acervo com uma lista completa dos nomes dos “Justos entre as nações”<sup>5</sup>, incluindo relatos da história dos brasileiros que são contemplados em Israel como justos entre as nações.

Na mostra interativa e educativa, os visitantes do museu podem conhecer histórias de resistência e sobrevivência distribuídas em painéis, depoimentos em vídeo e acervo especial de peças. Durante a visita, os visitantes passam por um observatório, por onde é possível enxergar dezenas de luzes em pequenos espelhos, simbolizando as vidas que se foram pelo Holocausto. Esse espaço foi inspirado no Memorial das Crianças do Yad Vashem, em Jerusalém.

Conforme Dantas (2008), os museus são uma das formas de se preservar o patrimônio e a identidade de um povo; assiste-se a uma ‘musealização’ de todos os acontecimentos, costumes e objetos. Neste contexto, o Holocausto surge como um dos acontecimentos mais lembrados, isto porque,

Com medo de que os testemunhos e evidências dessa tragédia fossem perdidos, começou-se a transformar os antigos campos de concentração em memoriais, a criar-se museus e monumentos acerca do tema e a registrar-se os depoimentos dos sobreviventes (DANTAS, 2008, p.11).

Para Beiersdorf (2014), o Museu do Holocausto de Curitiba, mediante a representação dos fatos históricos, ressalta o objetivo da instituição, cuja postura de responsabilidade cultural é a de alertar a sociedade para essas atrocidades contra o direito das pessoas que marcaram a Segunda Guerra Mundial.

O que se nota a partir da exposição é a representação de um trauma histórico, que é apresentado para as futuras gerações judaicas e não judaicas, com fins pedagógicos. Para a comunidade judaica de Curitiba, o museu é também um meio de atualização da identidade judaica e um mecanismo de afirmação da Associação Casa de Cultura Beit Yaacov (BEIERSDORF, 2014, p.45).

---

<sup>5</sup> Justos entre as Nações - Baseando-se na Lei de Recordação dos Mártires e Heróis, o Parlamento israelense criou, em 1953, o Museu Yad Vashem, tendo como obrigação institucional a permanente celebração religiosa e histórica em memória das vítimas do terrível massacre nazista, além de manifestar os agradecimentos a todos aqueles não-judeus que arriscaram suas vidas para salvar judeus durante o Holocausto, os “*Justos entre as Nações*”. Esse título designa uma pessoa de elevada moral, que oferece empatia, compaixão e ajuda a judeus em tempos de grandes dificuldades e perseguições (LEWIN, 2011, p. 20).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

O museu do Holocausto de Curitiba possui um acervo próprio, constituído por fotografias, objetos, documentos diversos (cartas, passaportes, vistos), objetos pessoais de sobreviventes que vieram para o Brasil, principalmente de membros da Associação Casa de Cultura Beit Yacoov e da comunidade Israelita do Paraná (*SITE DO MHC, 2016*). O acervo completo, incluindo a reserva técnica, pode ser visto em dois computadores no final da visita ao Museu e em exposições temporárias e itinerantes.

O museu, mediante a organização de suas exposições, usa várias formas de sensibilização como estratégias para difundir a memória do Holocausto, e para Beiersdorf (2014, p.50) “a exposição museográfica é uma construção de sentido que tem objetivos determinados”. Por meio dessas exposições, o Museu do Holocausto de Curitiba busca atingir seus objetivos, alertando a sociedade contra todo tipo de discriminação e intolerância contra pessoas ou grupos. As exposições do museu exploram os sentidos cognitivos dos visitantes, visando a sua sensibilização, sobretudo por meio dos recursos visuais e sensoriais utilizados na representação dos eventos.

Os recursos tecnológicos são utilizados em sala de projeções de filmes e depoimentos, os televisores e um totem realizam projeções de imagens interativas, permitindo aos visitantes acessarem informações referentes às rotas de imigração dos judeus no do mundo, com os dados quantitativos dos imigrantes judeus por gênero, idades entre outros (*SITE DO MHC, 2016*).

Conforme ressaltado anteriormente, a Web é um modelo de domínio público de informação (MIRANDA, 2005). Considerando a Web como uma das principais ferramentas tecnológicas e comunicacionais da atualidade, tornou-se importante conhecer esse espaço museal na Web e como estrutura as informações sobre o a temática do Holocausto, fortalecendo assim seu papel enquanto instituição cultural em defesa dos direitos humanos.

Utilizando o *Google* como mecanismo de busca, foram recuperados 139.000 resultados para “Museu do Holocausto de Curitiba”. Destacamos aqui que o *site* oficial do museu ocupa o primeiro lugar no ranking de resultados, seguido pelo acesso a “login” para agendamento de visitas ao museu e, ocupando o terceiro lugar, uma de suas redes sociais, o seu *facebook* institucional. Ressaltaremos neste artigo somente o *website* desse espaço museal, que é composto dos seguintes acessos em seu menu de navegação: *home*, o museu, o Holocausto, visitas, educação, imprensa, doações e contato.

Figura 1: Pagina do Website do Museu do Holocausto de Curitiba.



Fonte: SITE MHC – 2017.

O acesso à *home* do Museu direciona o visitante para temáticas propostas em relação ao Holocausto, ressaltando suas exposições direcionadas para a educação. Ao clicar no menu *museu*, o visitante é direcionado para o acervo, cuja exposição permanente possui 56 objetos expostos e aproximadamente 300 fotos e vídeos. Esses números correspondem a cerca de 5% de todo o acervo. Conforme o *site*, semanalmente, o departamento museológico recebe doações de fotos, documentos, passaportes e objetos relacionados às vítimas e ao período histórico do Holocausto.

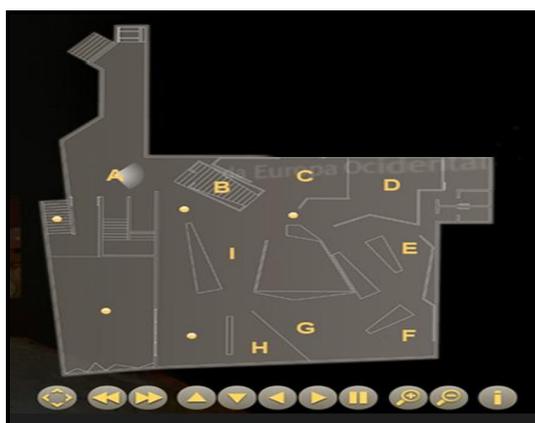
O menu *Holocausto* direciona o visitante para os sub-menus: *depoimentos* e *registro de sobreviventes*. Nos depoimentos, o visitante tem acesso a arquivos de áudio e pode ouvir as seis entrevistas orais em *confira sua história*. Cada entrevista contém a foto e identificação do respectivo sobrevivente. No *registro de sobrevivente*, o museu valoriza o compartilhamento da história de um sobrevivente, e facilita a usabilidade para tal tarefa por meio de apenas um *clique aqui*, preenchendo o máximo de informações que o visitante conseguir. A acessibilidade e as instruções sobre o preenchimento do formulário são bem claras para que o visitante possa enviar o formulário impresso à instituição.

Neste sub menu *Registro de Sobreviventes*, há também um ícone cujo *link* direciona o visitante a fazer doações ou cessão temporária de documentos relativos a imigração e objetos relacionados ao evento do Holocausto como filmes, fotos históricas e livros. Para tal ação, disponibilizam-se formulários *online*, ressaltando que, os formulários que serão preenchidos pelos visitantes foram baseados no trabalho realizado há 20 anos pelo Museu do Holocausto de Washington, instituição que firmou parceria educativa com o museu de Curitiba em maio de 2014 (SITE MHC, 2017).

O menu *Visitas* é composto de quatro sub menus: *agendamento*, *tour virtual*, *making of* e *avaliação trip advisor*. O agendamento é direcionado para as visitas físicas ao museu e para tal o visitante virtual cadastra-se e faz *login*, agendando sua visita ao museu físico. O museu somente trabalha com visitas agendadas.

No menu *Tour virtual* o visitante utiliza-se de uma tecnologia de navegação virtual por VR (Virtual Reality). A navegação é facilitada por uma legenda com *hiperlink*, em forma de uma planta baixa do museu que o internauta pode visitar cada sessão, as quais recebem identificações na planta de “A” a “I”. Assim, ao realizarem a visita virtual ao museu, os internautas acessam os espaços com um clicar nas letras alfabéticas, conforme figura a seguir.

**Figura 2: Planta Baixa do “Tour Virtual” do Museu do Holocausto de Curitiba.**



Fonte: SITE MHC – 2017

Por conseguinte, os espaços expositivos para o *tour virtual* são voltados para o Holocausto e correspondem aos seguintes espaços expográficos:

- A- A vida plena dos judeus;
- B- Rupturas;
- C- Alemanha Nazista e os Judeus;
- D- Segunda Guerra Mundial – O início da perseguição aos Judeus da Polônia;
- E- Avanço da Ocupação Nazista no Leste Europeu
- F- O Campo de Extermínio e a Indústria da Morte;
- G- Resistência e Salvamento;
- H- As Marchas da Morte;
- I- Retorno à Vida.

No menu *Making of*, o visitante pode acessar vídeos de montagem das galerias de exposição do museu, basicamente do início de tudo. De forma descontraída, o visitante pode conhecer detalhes da expografia, já no menu *Avaliação Trip Advisor*, o visitante é convidado a fazer uma avaliação do museu, incluindo comentários e, por meio deste menu no *web site* o museu procura ter um *feedback* das visitas físicas e virtuais, no sentido de melhorar seu espaço virtual e físico.

No menu *Educação*, o museu ressalta o compromisso com o projeto pedagógico da instituição e oferece cursos à comunidade, que se cadastra por *e-mail*. O projeto pedagógico

propõe levar o museu além do espaço físico, como o projeto das *malas itinerantes*. Essas malas, com materiais ligados à história do Holocausto, como réplicas de fotos, documentos, objetos, dentre outros, são usadas para percorrer escolas e incentivar a discussão sobre preconceito, intolerância e discriminação, além de favorecerem a construção da cidadania e ética dos alunos de diferentes níveis e séries (SITE MHC, 2017).

O Museu do Holocausto de Curitiba ressalta a importância das exposições itinerantes, já realizada nas varias capitais do Brasil. A exposição intitulada *Tão somente crianças: infâncias roubadas no Holocausto* foi vista por 48.000 visitantes, que tem como alvo principal estudantes da rede pública e privada, a partir de 12 anos. Conforme o *website* do museu, a exposição termina com um painel colorido, onde são registrados os direitos internacionais das crianças pela UNICEF, intercalados por algumas gavetas que o público pode abrir e se surpreender com reproduções de brinquedos e objetos relacionados à infância, enquanto outras gavetas permanecem lacradas, simbolizando as infâncias roubadas no Holocausto (SITE MHC, 2017).

O *Website* do museu conta também com o menu *biblioteca*, em queo visitante pode acessar também *links* de instituições judaicas, arquivos e os principais museus do Holocausto do mundo, como: *The Holocaust Centre* – Reino Unido, *The Montreal Holocaust Memorial Centre* – Canadá, *United States Holocaust Memorial Museum* – EUA, e *Yad Vashem* – Israel. Finalizando, o *web site* do museu destina um menu *Imprensa*, no qual o visitante pode acessar as reportagens sobre o museu na mídia, e o menu *contato*, com agendamento e informações pertinentes à instituição.

#### **4 A INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO MUSEAL**

Ao observar-se o acervo contido nos museus, percebe-se que existem ali diferentes espécies de documentos que, embora diferindo na forma e materiais, são igualmente meios de transmissão de conhecimento. Para Meneses (1998), os objetos, como documentos, também trazem - além das informações intrínsecas, referentes aos atributos físico-químicos - as informações extrínsecas, inferidas deles.

o que faz um objeto documento não é, pois, uma carga latente, definida de informação que ele encerre, pronta para ser extraída”, mas sim algo a ser definido. Compete ao historiador analisar as informações oferecidas pelo objeto/documento, para então transmiti-las, formando o Sistema de Documentação Museológica e para o autor, tal operação é por natureza retórica (MENESES, 1998, p.95).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Quanto ao processo de compartilhamento de informações e conhecimentos, Nonaka e Takeuchi (2008) apresentam dois tipos de conhecimento, classificando aquele registrado em um documento como conhecimento explícito - tratado por nós como informação – e aquele existente unicamente na mente das pessoas como tácito. O museu, como uma instituição que lida com pesquisa, preservação e comunicação do patrimônio cultural, envolve o conhecimento tácito e o explícito. Precisamente, a gestão da informação e do conhecimento em seus espaços são produtores de dois tipos de conhecimento, o voltado para o público e outro organizacional, produzido para operacionalizar a prática organizacional, tomada de decisões e tratamento das informações dos acervos. Logo,

a gestão da informação centraliza sua atenção para as etapas de tratamento e organização da informação, já a gestão do conhecimento direciona suas atividades para a descoberta e compartilhamento do conhecimento (AUGUSTIN, 2015, p.240).

Ressalta também que a comunicação para com o público do museu envolve uma contínua reflexão sobre o papel social da própria instituição frente às demandas globais, sugerindo a criação ou o redimensionamento de departamentos, setores ou programas educacionais, que assumem caráter fundamental nesta nova concepção de museu. Para Choo (2003), a informação é um componente intrínseco de quase tudo que a organização faz e, portanto, é preciso ter uma clara compreensão dos processos organizacionais e humanos pelos quais as informações se transformam em percepção, conhecimento e ação.

O museu, conseqüentemente, assume um caráter dinâmico e interativo, considerando a opinião e observações dos diferentes públicos, contribuindo para uma real aproximação dos visitantes com os objetos e temas dos museus, tudo isso tendo em vista o uso e o impacto das novas tecnologias. Conforme ressaltam Davenport e Prusak (2003), as tecnologias de informação são apontadas como facilitadoras e não geradoras do conhecimento, pois proporcionam intercâmbio, distribuição e armazenamento do conhecimento.

Portanto, a gestão da informação e a gestão do conhecimento são importantes para o desempenho das organizações, porém não podem ser confundidas, uma vez que a gestão da informação tem como seu objeto de trabalho os documentos, cujas informações precisam ser organizadas e disponibilizadas, enquanto a gestão do conhecimento vai lidar especialmente com o conhecimento já existente, direcionando para o compartilhamento do conhecimento (AUGUSTIN, 2015).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração que a pesquisa está em desenvolvimento, ainda, destacamos a importância de conhecer a instituição museológica no que se refere à defesa e reivindicação dos direitos das pessoas ou grupos, por meio de apropriação dos discursos sobre direitos humanos e de utilizarem técnicas de mobilização e sensibilização aos abusos de poder e conscientizar a sociedade para que fatos como o holocausto não aconteçam mais.

Neste processo de interpretação crítica sobre o passado, ressaltamos a importância da informação no mundo atual e como esses espaços museológicos, que abordam questões sobre o direito humano, podem aliar-se à gestão da informação e às tecnologias como ferramenta museográfica, expográfica e cenográfica, em defesa dos direitos das pessoas. O uso de tecnologias é uma realidade nos museus, tanto em seus meios expositivos quanto em sua divulgação e interatividade com o público.

Como apresentado, o Museu do Holocausto de Curitiba utiliza o espaço virtual, por meio de realidade virtual, criando ambientes organizados para transmissão de informação, oferecendo ao visitante rapidez e agilidade de visita e conhecimento, uma vez que o *tour* virtual possibilita a interação entre o usuário, acervo e a informação. Ao inserirem as ferramentas tecnológicas na gestão da informação no ambiente museal, esses espaços assumem um caráter dinâmico e interativo, contribuindo para uma real aproximação dos visitantes com os objetos do museu, tudo isso tendo em vista o uso e o impacto das novas tecnologias.

É importante ressaltar que a gestão da informação nos museus do Holocausto poderá contribuir não somente no mapeamento das informações, mas, sobretudo, numa tomada de consciência a respeito dos direitos humanos, à ética para com a integridade da informação no que tange ao genocídio, ao uso de objetos musealizados e de entrevistas disponibilizadas nas exposições museológicas; levando em consideração os significados sociais e culturais.

## 6 REFERÊNCIAS

ABREU, R. (2012). “Museus no contemporâneo: entre o espetáculo e o fórum”. In: LOURES OLIVEIRA, A. P. P. e MONTEIRO OLIVEIRA, L. (orgs.). **Sendas da Museologia**. Ouro Preto, UFOP. Disponível no site: <[www.reginaabreu.com](http://www.reginaabreu.com)>. Acesso em 12 mai. 2017.

AUGUSTIN. Raquel. F.G. Aproximações entre a gestão da informação e do conhecimento e a gestão de acervos no museu. **Anais do III Seminário Internacional de Ciência e Museologia: Universo Imaginário**. 2015. p. 241-254.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

BEIERSDORF, Danielle. A memória do Holocausto; através do museu do Holocausto de Curitiba. **Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente**. 2014. Florianópolis, SC. Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

BRODSKY, Ricardo. Gestión de Archivos y Memoria de la Represión: la experiencia del Museo de la Memoria y los Derechos Humanos de Chile. In **Anais Memoria, direitos humanos e reparação: políticas da memória, arquivos e museus**. Conferência internacional. Organizado por Debora Teresinha Mutter da Silva Motta e Marcio Tavares dos Santos. Tradução Bruna da Costa. Porto Alegre, Museu dos Direitos Humanos do Mercosul, 2014. 200p.

CARTER, Jennifer. Os Direitos em Prática: a Musealização e a Mediação dos Direitos Humanos e da Justiça Social na Era Neoliberal. In. **Anais do III Seminário Internacional de Ciência e Museologia: Universo Imaginário**. 2015. p.28-41.

CASIMIRO, Giovanna Graziosi. Transgressões no contexto digital: reconfiguração das estruturas museais através da Realidade Aumentada. **Revista Ciclos**, 2014, 2.3: 168-178.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. Tradução Eliana Rocha. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

COELHO, Daniela Vicedomini. **O museu do Holocausto de Curitiba sob uma perspectiva contemporânea**. Dissertação de Mestrado em Museu, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. 2015. 279 p.

DANTAS, Sara Monteiro de Souza. **Os Museus do holocausto: recortes da história na visão do turista**. Monografia – PGT, Universidade Federal Fluminense. 2008.101 p.

DANZINGER, Leila. Shoah ou holocausto? – a aporia dos nomes. Arquivo Maaravi, **Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, nº1, v.1, outubro de 2007. Disponível no site: <<http://leiladanziger.com/text/32shoah.pdf>>. Acesso em 20 out.2016.

DAVENPORT, Tomas; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual**. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DESVALLÉES, Andre. MAIRESSE, François. (2013). **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução e comentários de Marília Xavier Cury & Bruno Brulon Soares. (1a ed.). São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura. 100 p.

GREGOROVA, Anna. **La muséologie – science ou seulement travail pratique du musée**, MuWoP- DoTraM, nº1, 1980, p. 19-21.

HUYSEN, Andreas. **En Busca del futuro perdido; Cultura y memoria en tiempos de globalización**. Fondo de Cultura de Argentina. S. A. El Salvador. Buenos Aires. 2001.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

LEWIN, Helena. Solidariedade em tempos sombrios: tributo aos “Justos entre as nações”. **Webmosaica**, v. 3 n. 1, janeiro-junho de 2011, p. 20-32. Disponível em: <<[www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/viewFile/22358/13032](http://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/viewFile/22358/13032)>>. Acesso em 24 nov.2016.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, 1998, v. 11, n. 21, p. 89-103.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. **Organização e representação do conhecimento: Fundamentos teórico-metodológicos na busca e recuperação da informação em ambientes virtuais**. 2005. 353 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em site: <<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/690>>. Acesso em 15 mai.2017.

MOSES, Dirk. The Canadian Museum for Human Rights: the uniqueness of the Holocaust and the question of genocide. **Journal of Genocide Research**. V.14.jun.2012. p. 215-238. Disponível em: << <http://www.dirkmoses.com>>>. Acesso em 20 jun.2016.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. Teoria da criação do conhecimento organizacional. In: TAKEUCHI, H.; NONAKA, I. **Gestão do conhecimento**. Tradução Ana Thorell. Porto Alegre: Bookman, 2008.

**ENDEREÇOS ELETRÔNICOS PESQUISADOS:**

**GLOBAL DIRECTORY OF HOLOCAUST MUSEUMS.** Disponível em: <<<http://www.science.co.il/jewish/Holocaust-museums.php>>>. Acesso em 10 fev.2017.

**IBRAM- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEU.** Disponível em:<<<http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/o-ibram/>>>. Acesso em 10 set. 2016.

**MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA.** Disponível em:<< [www.museudoholocausto.org.br](http://www.museudoholocausto.org.br)>>. Acesso em 10 abr.2017.